



OFENSIVA: VARIAÇÕES EM TORNO DE UM MESMO TEMA

Nilson Silva

Major de Artilharia QEMA, do QG da 2ª Bda Ms, Corumbá,
MS.

A. INTRODUÇÃO

De acordo com a definição do EMFA, PRINCÍPIOS DE GUERRA são um conjunto de preceitos considerados essenciais ao sucesso da guerra, tanto no ponto de vista tático, como estratégico.

Estes Princípios de Guerra, segundo os pensadores militares, são fundamentais ao exercício do comando e à execução bem sucedida das operações militares.

Dentre os Princípios de Guerra, destacamos o da OFENSIVA para tecer algumas considerações.

"O sucesso final no campo de batalha só pode ser conseguido por meio da *ação ofensiva* e, até mesmo na defensiva, um comandante deve aproveitar cada oportunidade para retomar a *iniciativa* e levar o combate ao terreno inimigo. O principal objetivo de um comandante é *destruir a capacidade de resistência do adversário*; isto só pode ser conseguido através da concentração de um superior poder de combate, no momento crítico e no local adequado, em busca de uma definição decisiva". Assim preconizam as "Publicações Doutrinárias Táticas da Força Terrestre da OTAN".

Portanto, a ação ofensiva é primordial para a obtenção de resultados decisivos, assegurando a um comandante, além da iniciativa:

- a imposição de sua vontade ao inimigo;
- o estabelecimento do ritmo e a determinação do curso do combate;

- o aproveitamento da fraqueza inimiga e das situações que evoluam rapidamente;
- a adaptação a situações inesperadas.

Cabe ressaltar que a iniciativa é de vital importância para o curso das operações e que o ataque é a melhor forma de ação para conquistá-la.

Este trabalho procurará abordar as principais considerações sobre a ofensiva, na atualidade, constituindo-se mais em uma consolidação dos diversos pensamentos em voga. As opiniões aqui expressas não expressam necessariamente as do autor.

B. DESENVOLVIMENTO

1. Generalidades

Os princípios de guerra permanecem imutáveis através do tempo e do espaço, *variando tão somente a maneira como são aplicados*, face à evolução das concepções estratégicas e do poder de combate disponível. Em termos de ação ofensiva, praticamente não houve modificação. Chega-se mesmo a afirmar que, no mundo ocidental, há uma propalada falta de interesse pela ofensiva.

Nos países democráticos, a defensiva é considerada uma posição positiva e moral, e, ao contrário, a ofensiva tem conotação com as guerras de agressão.

Esta é a contribuição da ALIANÇA DO ATLÂNTICO, cuja estratégia está "baseada, inicialmente, na *dissuasão*, após, na *defesa direta*, conduzida em nível recolhido pelo agressor, e por fim na *escalada deliberada*".

Mas esta não deve ser uma concepção generalizada. A ofensiva, como opção estratégica e tática, é tão ou mais importante que a defensiva. E assim pensam os soviéticos, motivados pelo "determinismo histórico" de sua ideologia.

Para colhermos ensinamentos, procuraremos mostrar, a seguir, as concepções doutrinárias das duas maiores potências mundiais, EUA e URSS, com soluções diametralmente opostas, além do caso particular de ISRAEL, país mais atualizado em termos de conceitos bélicos.

2. O Conceito Norte-Americano

Vejamos inicialmente a estratégia adotada pela OTAN, onde os EUA são os principais signatários. No contexto da ALIANÇA DO ATLÂNTICO, sobressaem dois aspectos.

O primeiro deles é o *Equilíbrio das Forças Estratégicas* entre os membros da OTAN e do PACTO DE VARSÓVIA, *originando uma política de defesa*, cujo futuro depende das seguintes condições:

- capacidade nuclear estratégica (EUA);
- suficientes sistemas de armas nucleares táticas (EUROPA);

- forças convencionais modernas, suficientes, equilibradas e fortes.

Os EUA devem dispor de uma capacidade nuclear estratégica que possa infligir um contragolpe arrasador, mesmo após um ataque nuclear inimigo de surpresa.

Na EUROPA, devem existir suficientes sistemas de armas nucleares táticas para assegurar efetiva dissuasão ou defesa.

As forças convencionais, terrestres, aéreas e navais, equipadas com armamento moderno, devem ser suficientes em número, equilibradas, e operacionalmente prontas.

O segundo aspecto é o da *Resposta Flexível*, cuja política visa dissuadir, efetivamente, qualquer pressão política ou agressão militar, considerando que os objetivos da OTAN são defensivos por natureza. Caso a dissuasão não surta efeito e a agressão seja desencadeada, a Organização pode enfrentar qualquer tipo de agressão com suas forças e recursos.

Estão previstos, então, três tipos de resposta militar, sucessiva e/ou simultaneamente:

- defesa com as forças convencionais, no âmbito da defesa direta;
- escalada deliberada, sem excluir a utilização de armas nucleares;
- resposta nuclear geral, envolvendo o emprego de todos os meios militares disponíveis, inclusive armas estratégicas nucleares.

Para o caso de uma guerra total na Europa Central, há uma concepção em vigor para as operações a serem desencadeadas, de acordo com os objetivos defensivos preconizados pela OTAN. Porém, já se cogita uma outra, mais agressiva. Ambas prevêem o combate em três fases.

Assim, na primeira concepção, a atual, teremos:

- 1) *A fase da força de cobertura* quando serão empregadas, principalmente, unidades de reconhecimento, reforçadas por alguns blindados e infantaria, voltadas para a busca de informes e para o retardamento do avanço soviético, através da fronteira entre as duas Alemanhas.
- 2) *A fase da defesa da área de defesa avançada*, onde ocorre o desdobramento da maioria dos meios para fazer frente ao inimigo e destruí-lo em áreas previamente selecionadas e escalonadas em profundidade entre os limites anterior (LAADA) e posterior (LPADA) da área de defesa. O LAADA deverá ser agravado por uma série de obstáculos, o que também poderá ocorrer com o LPADA. Este limite não deve ser confundido com o limite de retaguarda, sendo um conceito novo, específico para o TO europeu.
- 3) *A fase do deslocamento das reservas*, caracterizada pelo movimento das forças em reserva, mantidas bem à retaguarda, com a finalidade de bloquearem as penetrações e realizarem as ações dinâmicas de defesa, na zona principal.

Esta concepção pode ser definida como uma Defesa Móvel, dando margem para ações ofensivas limitadas, condicionadas aos contra-ataques em pequena escala, realizados pelas reservas. A contenção do inimigo na área de defesa avançada, obrigando-o a uma parada, representa o sucesso. Caso negativo, restará, como única alternativa, o recurso às armas nucleares para evitar que o inimigo rompa através do LPADA. A principal deficiência desta concepção é perda considerável de terreno para o inimigo, com sérias implicações no tabuleiro de xadrez político, ao final do combate.

Não se pode negar, porém, que este conceito tem-se mostrado eficiente, até o momento, uma vez que contribuiu para evitar a guerra na EUROPA, além de não caracterizar uma atitude provocativa face à "détente".

Por outro lado, é preciso não esquecer que a OTAN vive uma série de problemas, particularmente em termos de efetivo, diante da tendência contínua de alguns países aliados em reduzir suas forças e seu potencial militar, em conseqüência dos problemas econômicos que atingem todo Mundo Ocidental, criados pela crise energética.

Em conseqüência, se faz necessária a mudança das atuais concepções das operações, como alternativa.

A nova concepção, também desenvolver-se-á em três fases:

- 1) *A fase da força de cobertura*, utilizando elementos da mesma natureza da anterior, porém com maior poder de combate e com melhores condições de retardar o inimigo. Dessa maneira, esta força de cobertura estará mais bem capacitada a proporcionar informações precisas sobre o valor do inimigo e dos eixos de aproximação.
- 2) *A fase da defesa da área de defesa avançada*, semelhante ao conceito anterior, em valor e importância, com a diferença de prever o emprego de reservas próprias, mantidas bem à frente, com a finalidade de bloquear as penetrações e realizar os contra-ataques.
- 3) *A fase dos contra-ataques à frente do LAADA* que se processa simultaneamente com a fase anterior. Baseado nas informações da força de cobertura, é feito o emprego de forças predominantemente blindadas para realizar operações ofensivas, à frente do LAADA. Estas forças blindadas terão por missão:
 - interromper as linhas de comunicações para o primeiro escalão do inimigo;
 - desorganizar e inquietar as formações de seu segundo escalão, em fase de reunião;
 - destruir PC, posições de artilharia e instalações logísticas em apoio às forças de 1º escalão;
 - estabelecer uma linha de partida segura na área de defesa, a partir da qual poderão ser desencadeadas operações ofensivas futuras.

Este novo conceito pode ser definido como uma defesa agressiva. A mobilidade das forças foi mantida e, na fase da defesa da área de defesa avançada, utiliza-se o desdobramento em profundidade para absorver o impacto do inimigo. A diferença maior para a concepção atual está na extensão do movimento para a retaguarda.

O sucesso será obtido com a contenção dos primeiros escalões inimigos no interior da área de defesa avançada, com a desorganização dos seus segundos escalões à frente do LAADA e com o estabelecimento de uma linha de partida segura dentro da posição defensiva, permitindo a montagem de ações ofensivas ulteriores.

O fracasso, logicamente, implica na utilização das armas nucleares, com a finalidade de evitar que o inimigo rompa através do LPADA.

A principal vantagem, em relação à concepção atual, se refere aos alvos nucleares prioritários, caracterizados pelas formações inimigas que romperem o LPADA, as quais se tornarão perfeitamente identificáveis. Por outro lado, para o inimigo será muito difícil levantar alvos nucleares compensadores entre as forças da OTAN, já que as mesmas estarão misturadas e engajadas em combates com as forças do PACTO DE VARSÓVIA.

Além disso, este novo conceito proporciona condições necessárias à ação ofensiva, e uma defesa suficiente para conter a ofensiva inimiga.

A situação, colocada nestes termos, possibilitará um desfecho mais aceitável durante as negociações políticas.

Procuraremos abordar agora a doutrina norte-americana propriamente dita sobre a ofensiva.

Como já foi citado anteriormente, a ofensiva se encontra relegada a um plano secundário, refletindo um pensamento da maioria dos estudiosos ocidentais em questões militares.

A causa principal do retorno ao pensamento de CLAUSEWITZ, que considera a defesa a forma de luta intrinsecamente mais forte, é o desenvolvimento tecnológico alcançado pelo mundo atual. Este desenvolvimento possibilitou o aumento da potência de fogo, em particular anticarro, tornando o carro de combate, peça fundamental de ofensiva, menos adequado ao emprego contra posições fortemente organizadas para a defesa.

Vistas sob este prisma, as operações ofensivas devem ser empreendidas para infligir ao inimigo perdas ponderáveis em pessoal e material, assegurar a posse e manutenção de acidentes capitais, obter informações ou para conquistar outros objetivos mais limitados. Em qualquer caso, se as operações se desenvolverem em terreno escolhido pelo inimigo, o ataque deverá ser conduzido somente quando os resultados forem compensadores, provocando perdas no inimigo nitidamente superiores às do atacante.

A doutrina norte-americana estabelece dois tipos de ataque, expedito e sistemático. O ataque chamado expedito é considerado preferível, porque permite

manter o ritmo do avanço e golpear, em profundidade, antes que a posição de defesa inimiga tenha tempo de se preparar para a ameaça.

No ataque sistemático, procura-se a desarticulação da defensiva adversária, mediante a concentração de forças contra um ponto fraco, a fim de assegurar uma relação de força de, no mínimo, *seis para um*. A ação é normalmente conduzida com a ultrapassagem das divisões em contato por novas, com o objetivo de penetrar decisivamente e atingir as unidades de apoio tático-logístico dispostas à retaguarda. A destruição do grosso das unidades avançadas fica a cargo dos escalões sucessivos.

O sucesso de toda ação ofensiva está baseado na obediência a seis princípios fundamentais:

1. Atacar em profundidade nas retaguardas inimigas
2. Neutralizar as armas inimigas
3. Golpear de surpresa e sobrepujar o inimigo
4. Concentrar potência predominante
5. Conhecer o campo de batalha
6. Fornecer apoio móvel contínuo

Ao serem examinados também os procedimentos defensivos, fica a impressão que o pensamento militar dos EUA está evoluindo para posições mais incipientes de defesa-ofensiva. Como exemplo disso, o carro-de-combate não está sendo mais considerado a melhor arma anticarro, tornando-se semi-econômico em comparação com os sistemas específicos disponíveis. O carro, assim, volta ao seu papel peculiar de elemento de manobra. Com isto, as modalidades de emprego das unidades no combate tendem a se tornar mais semelhantes, ficando a diferença entre a ofensiva e a defensiva apenas em nível estratégico.

3. O Conceito Soviético

As forças do PACTO DE VARSÓVIA seguem a escola estratégica soviética, com base no pressuposto que a defesa da NAÇÃO deve ser garantida pela capacidade de vencer uma guerra generalizada.

Considerando o antigo conceito de que só a ofensiva conduz à vitória, os soviéticos são encorajados a procurar a iniciativa e a mantê-la até a destruição completa do adversário. A defesa é considerada uma forma de operação a ser adotada em função da evolução dos acontecimentos, na expectativa da retomada da iniciativa e, com esta, passar à contra-ofensiva.

Apesar da aparente predileção pela guerra nuclear, enfatizada pelas publicações especializadas da URSS, a revitalização do poder de combate básico indica uma crescente preparação soviética para a possibilidade de um conflito convencional na EUROPA.

Caso decidam atacar a OTAN, "a neutralização, a manobra, o apoio logístico, a defesa e os meios aéreos dos soviéticos serão concentrados contra determinadas áreas das defesas da OTAN. Essa concentração ocorrerá num espaço de tempo mínimo, de modo a garantir o máximo de surpresa. Para isso, serão utilizados eixos de progressão múltiplos, escalonados no tempo, e mantida uma velocidade mínima de progressão, através de um reforço ininterrupto. As posições de bloqueio da OTAN serão rompidas por maciços fogos de neutralização, combinados com a manobra de forças móveis e escalonadas em profundidade. Tanto quanto possível, os ataques serão desencadeados a partir das próprias colunas de marcha".

Assim, as forças terrestres, constituídas de maciças formações blindadas e mecanizadas, com o apoio de consistente fogo terrestre e aéreo disponível, procurarão alcançar objetivos decisivos com a máxima velocidade, não permitindo que o inimigo tenha uma posição fortemente organizada, mobilize seus recursos ou faça o emprego eventual de armas nucleares.

Para a conquista do território da OTAN, na EUROPA, antes que esta tenha tempo de ser reforçada, a campanha deverá ter duração relativamente curta.

Contra a defesa em profundidade da Aliança, é estimada uma velocidade de progressão diária de 20-30 Km, de acordo com as fases do combate e do tipo de organização defensiva. Este valor poderá aumentar à medida que as defesas forem se desintegrando. Espera-se, durante o aproveitamento do êxito, atingir valores da ordem de 50 a 80 Km por dia ou, até mesmo, 100. A doutrina, a organização das forças, o material, o sistema de apoio administrativo e a instrução dos soviéticos estão mobilizados para atingir esse objetivo.

O ritmo de progressão previsto deverá ser mantido pela partida contínua dos escalões sucessivos, que substituem os avançados tão logo se reduza a eficiência operacional e, portanto, a capacidade de manter uma penetração arrasadora.

Não há preocupações com perdas. Segundo os analistas, é impossível evitá-las, mesmo relevantes nas unidades avançadas e que, aceitá-las, constitui o único método possível para limitar as perdas globais da guerra, a qual somente desta maneira pode ser concluída rapidamente e com sucesso.

"É elevado, portanto, ao extremo o conceito de 'blitzkrieg', artifice dos sucessos alemães na II Grande Guerra, unido a uma linha de conduta e a uma simplicidade de processo que se adaptam às características do soldado soviético."

A doutrina militar da URSS prevê a condução das ações ofensivas através das três fases tradicionais: marcha para o combate, ataque e aproveitamento do êxito. Na primeira fase, procura-se estabelecer o contato com o grosso das forças inimigas. "O ataque, sempre que possível, é conduzido com rapidez, passando diretamente das formações de marcha para as de ataque, com procedimentos adequados ao combate de encontro e ao ataque imediato", este similar ao ataque expedito da doutrina norte-americana. Em conseqüência, é enfatizada a possibilidade de uma penetração rápida em profundidade das unidades blindadas, num risco calculado face aos poucos conhecimentos do inimigo e do terreno, à curta duração da preparação

da artilharia e à possível situação de desequilíbrio de blindados e mecanizados em relação aos esforços principais.

O ataque sistemático, pelo contrário, caracteriza-se por um meticuloso planejamento, exigindo tempo, por conseguinte, sendo efetuado apenas contra defesas consistentes ou em seguida ao insucesso de um precedente ataque imediato. Ele prevê a desarticulação das posições defensivas avançadas do inimigo, seguida da destruição ou neutralização de suas reservas. Quando o terreno e os obstáculos tornam difícil a obtenção da surpresa, a opção é o ataque noturno, a fim de reduzir as perdas em combate.

No conceito soviético, o carro de combate representa uma arma fundamental para a ação decisiva. Mesmo na defesa, é normal o seu emprego sobre as posições avançadas para as ações de emboscada.

O combate deve ser conduzido sem interrupção, dia e noite, visando esgotar fisicamente o inimigo, que, contrariamente ao preconizado pela doutrina soviética, não prevê a substituição sistemática de suas forças avançadas, pelo menos, diariamente.

Por último, todos os esforços são extremamente concentrados nos pontos de impacto, procurando obter uma absoluta superioridade sobre o adversário "para poder submergir as defesas, abrir uma brecha no dispositivo inimigo e continuar atuando em profundidade, sem demora".

4. O Conceito Israelense

A situação de ISRAEL em relação aos países árabes é bastante delicada: a proporção numérica dos efetivos militares lhe é grandemente desfavorável, o país está praticamente cercado pelas forças adversárias e seu território não propicia uma profundidade estratégica para as operações. Ou seja, a derrota numa batalha significa o seu fim como Nação.

Estas condicionantes básicas influem essencialmente nos conceitos defensivo e ofensivo israelenses. Para o sistema defensivo há sempre o fantasma do cerco. Para a ofensiva há a imposição de sobrevivência como Nação.

Sob tal ótica, considerando também a relação existente entre as forças e o espaço (território e extensão das fronteiras), resulta que, enquanto os árabes podem concentrar seus esforços em direções convergentes sobre um único centro de gravidade, "os israelenses não podem optar por uma estratégia do tipo clausewitziano da defensiva-ofensiva". Ao contrário, são obrigados a adotarem uma estratégia ofensiva, mesmo que o quadro da política militar seja defensivo. Israel não dispõe de forças suficientes para guarnecer toda fronteira, com possibilidade de mantê-la. Essa possibilidade só seria viável caso os israelenses dispusessem de um complexo de forças muito superior ao dos árabes, permitindo manterem-se em situação de alerta quase continuada, com a finalidade de repelir qualquer ataque de surpresa sem ceder muito espaço. A conclusão que se pode tirar deste aspecto é que, no Teatro de

Operações do Oriente Médio, "os em menor número devem adotar o princípio de disparar o primeiro tiro e de conduzir uma guerra antes ofensiva do que defensiva". Caso os compromissos políticos ou de outro gênero não permitirem a execução deste preceito, na prática, haverá a necessidade de recuar para uma defesa flexível.

A ofensiva, portanto, deve ser conduzida em profundidade no território inimigo para ameaçar-lhe os pontos vitais. Isto se torna indispensável, porque:

- o insucesso numa batalha significa o fim de ISRAEL como Nação;
- a falta de profundidade estratégica significa que o menor sucesso dos árabes pode representar a perda de uma área vital;
- é necessário chegar rapidamente a resultados decisivos para evitar uma guerra de desgaste, o que seria insustentável para os israelenses, em face da inferioridade numérica;
- a vitória deve pertencer a ISRAEL, sem qualquer sombra de dúvida, a fim de que possa negociar partindo de posições de força, no momento da suspensão das operações (princípio clausewitziano do contexto político da guerra).

As forças terrestres israelenses são estruturadas em função deste conceito. *As unidades blindadas se constituem na principal força de ataque*, as únicas em condições de, no teatro de operações, tornarem possível uma ação ofensiva, voltada para a conquista de objetivos estratégicos no interior do território inimigo.

A liberdade de ação das formações blindadas é assegurada por uma componente aérea válida, "concebida como a mais versátil, flexível e veloz força em condições de intervir rapidamente em qualquer TO".

Esta força aérea, porém, após a Guerra do Yom Kippur, foi submetida a um redimensionamento em favor da proteção contra o fogo terrestre, com relação às defesas antiaéreas egípcias, que, nos primeiros dias de combate, retiraram do poder aéreo uma grande parcela da sua capacidade de influir nas operações de superfície, face à atuação dos mísseis soviéticos da série SAM.

"A potência anticarro, obtida com os ATGM (Anti Tank Guided Missiles) de que são dotados os egípcios, fez crescer a importância da artilharia e da infantaria blindada, que tendem a se integrar cada vez mais com os carros."

"A conduta de ação é aquela típica dos blindados, nas quais o carro é sempre considerado o elemento de força, enquanto as outras especialidades trabalham com o carro e para o carro."

Como conclusão, podemos dizer que a ofensiva e a conseqüente procura da iniciativa a qualquer preço representam a força motriz que impulsionam as tropas para o combate, conceito este cuja validade vem sendo testada com sucesso desde 1956.

5. O Papel da Tecnologia

A doutrina varia em função do desenvolvimento dos meios, entre outros fatores. Em consequência, face ao avanço da tecnologia, numa era de transformações surpreendentes, surge a dúvida se os meios disponíveis favorecerão a defensiva ou a ofensiva, na tentativa de se prever como se comportará a relação defesa/ataque, na constante luta da primazia entre o fogo e a couraça, relação essa cujas oscilações sempre foram muito pequenas, através dos anos. A verdade é que permanece válida a conclusão que "não são os novos meios que fazem vencer as guerras, mas sim o modo de empregá-los".

Não é tarefa das mais fáceis avaliar, por antecipação, a natureza e a intensidade das mudanças que os novos armamentos, com certeza, imporão às formas de combate.

Vejamos algumas das principais contribuições da tecnologia para a arte da guerra.

- a. Os sistemas "EARLY WARNING" — são sistemas compostos de instrumentos para a visão sob quaisquer condições meteorológicas e com grande raio de ação da vigilância da área de operações para levantamento de objetivos. Acoplados aos sistemas automáticos para processamento de informações instantâneas, permitem uma análise oportuna e confiável da situação inimiga. Desta maneira, reduz-se a possibilidade de surpresa, no tempo e no espaço, possibilitando economia no emprego das forças e a concentração das mesmas após adequado exame.
- b. Armas Dirigidas de Precisão (PGM — "Precision Guided Munition") — são mísseis anticarro, que podem ser operados por elementos de infantaria, viaturas ou mesmo por helicópteros, atingindo alcances da ordem de três a quatro mil metros. "Sua pequena relação custo/eficácia (que oscila entre 1/100 e 1/1000, conforme o alvo destruído, quer seja um carro ou um avião) e a possibilidade de serem empregados no âmbito das pequenas unidades implicam em uma revisão profunda dos conceitos até agora aplicados na estruturação e no emprego das forças".

Estas armas possuem relativa facilidade de destruição de objetivo, uma vez enquadrado, o que implica na não conveniência em se concentrar os carros de combate, tornando-os, assim, alvos compensadores. Deverá, em consequência, merecer melhor avaliação do que é mais importante no momento, se a mobilidade ou a proteção.

- c. Minas Anticarro — são minas dotadas de um acionamento eletrônico que assegura seu funcionamento, mesmo que não tenham tido o menor contato com os carros. O aumento de sua sensibilidade e de seu poder de destruição multiplica por três seu raio de eficácia. Estas minas poderão ser lançadas por meios terrestres ou por aeronaves, mais particularmente, helicópteros. Desta maneira, os carros ficarão praticamente engajados, em meio a um terreno minado, impossível de ser contornado,

diminuindo a progressão das forças adversárias, e submetendo-as a uma elevada taxa de desgaste.

- d. Telecomunicações — a utilização de sistemas automatizados de busca, transmissão e aproveitamento das informações do campo de luta é um outro progresso técnico que trará profundas modificações no exercício do comando e, em consequência, no desenvolvimento das operações. "As redes militares modernas de telecomunicações dotarão as Grandes Unidades de um Sistema eletrônico de reconhecimento, de levantamento do campo de batalha e da localização de objetivos, com radares e elementos de controle, além de um sistema integrado de conduta de fogos táticos, assegurando, em benefício das armas-bases, a elaboração, o cálculo e a transmissão automática dos elementos de tiro. Assim, à velocidade dos carros corresponderá, certamente, uma melhor instantaneidade dos fogos de defesa".
- e. Aeronaves e Viaturas — helicópteros com maior capacidade de sobrevivência e aptos ao emprego em "qualquer tempo", aeronaves de asa fixa e viaturas aperfeiçoadas, melhorando suas condições de emprego, são algumas das contribuições da tecnologia para aumentar a mobilidade tática e logística. A maior possibilidade de concentrar e dispersar rapidamente as forças, de realizar movimentos laterais, de efetuar envolvimentos verticais de apreciável valor, confunde ainda mais a linha que separa a conduta das operações ofensivas e defensivas, pelo menos ao nível das unidades de emprego.

O progresso tecnológico lança algumas dúvidas sobre a doutrina militar. Vejamos as principais:

- 1) Que conceito é mais favorecido: a defensiva ou a ofensiva?

Teoricamente parece emergir uma vantagem para a defesa. As formas de combate, em princípio, deverão ser determinadas pela interação do fogo e do movimento. Os ataques sofrem uma paralisação quando o poder de fogo das armas de defesa são superiores às possibilidades de movimento dos atacantes. Assim, o acréscimo da precisão e, por conseguinte, da eficácia do tiro, faz pender a balança a favor da defensiva.

Entretanto, é preciso não esquecer determinadas condicionantes, que podem perfeitamente modificar a situação, tais como:

- a disponibilidade ou não, por parte das forças em combate, em meios e armamentos em igual quantidade e qualidade;
- as condições ambientais da área de operações, que podem conduzir a resultados diametralmente opostos de uma mesma arma;
- o homem nos seus mais variados aspectos, condicionado pela atual escala de valores da sociedade moderna, induzindo-o a uma aversão ao combate exposto.

Há que ressaltar, também, que o aumento da mobilidade, face aos avanços técnicos nos meios de transporte, aumenta a possibilidade de se obter rapidamente concentrações de forças potentes e diminui o tempo para tomada das decisões, o que forçosamente trará implicações para a organização da defesa.

Face à evolução atual da tecnologia, alguns analistas consideram que, contra exército fortemente armado com engenhos, de grande poder de destruição e de fixação, qualquer ataque desencadeado com meios convencionais, a partir de então, será bastante arriscado.

2) Quem será mais importante no combate atual: o homem ou a máquina?

"Certamente, como em qualquer outra atividade humana, é possível, na arte da guerra, substituir até certo ponto homens por máquina. Mas os dois elementos, que são o material técnico e a força humana de combate, são e permanecerão sempre indispensáveis. Longe de se substituírem, eles se completam em proporções variáveis, segundo as circunstâncias. Qualquer que seja a importância atingida pela técnica, é o homem que permanece, em última análise, como elemento determinante".

Nas guerras do futuro, o desenvolvimento dos combates seguirá a ação combinada dos homens e do armamento. Uma estratégia que repousar, simultaneamente, sobre o valor dos soldados e de suas armas, terá bases mais sólidas que qualquer estrutura militar que repousar essencialmente na técnica.

3) O que é mais compensador: o carro ou as armas anticarro?

Ao que tudo indica, considerando seu preço de retorno, o carro já atingiu os limites de rentabilidade. Novos aperfeiçoamentos técnicos exigirão quantias elevadas para a pesquisa, produção e manutenção, cujos resultados talvez não sejam muito superiores aos atuais. O custo final provavelmente não permitirá dotar as forças terrestres de um número suficiente para o combate. Por outro lado, o aperfeiçoamento técnico das armas anticarro ainda está longe de ser atingido. E o custo dos mísseis dirigidos, ainda elevado nos dias presentes, tenderá a se reduzir com os rápidos avanços da eletrônica e da fabricação em série.

C. CONCLUSÃO

Assim, foram abordados três conceitos diferentes sobre as operações militares na atualidade.

O conceito norte-americano, no contexto, da OTAN, prevê uma defensiva que procura dissuadir um provável ataque das Forças do PACTO DE VARSÓVIA, com base no avanço tecnológico do seu armamento e premido pelas injunções da política internacional, para não caracterizar uma atitude provocativa face à "détente". Este conceito tem produzido efeitos positivos até o presente momento, evitando o desencadeamento de uma guerra na EUROPA.

Uma nova concepção, porém, já está tomando corpo, visando a proporcionar melhores condições à ação ofensiva, além de uma defesa suficiente para conter um ataque soviético.

Em sua doutrina militar, os EUA estão evoluindo para conceitos de defensiva-ofensiva, particularmente face à dúvida que paira sobre a utilização do carro de combate diante das armas dirigidas de precisão, tornando antieconômico seu emprego.

O conceito soviético parte do princípio que a integridade da nação deve ser mantida pela capacidade de vencer uma guerra generalizada. Para isso, suas forças militares estão voltadas para ofensiva, preparadas para procurar a iniciativa e mantê-la até a destruição do inimigo, sob o impulso do "determinismo histórico" da ideologia marxista-leninista. Os carros de combate têm papel preponderante na doutrina soviética.

O conceito israelense prevê a ofensiva como um caso de sobrevivência, considerando que a derrota numa batalha pode significar o fim de ISRAEL como Nação. No âmbito do Oriente Médio, a vitória deve ser obtida a qualquer custo, a fim de possibilitar poder de barganha na mesa das negociações políticas. Suas Forças Armadas estão preparadas para a ofensiva e as quatro guerras em que estiveram envolvidas demonstraram a validade deste conceito, quando as unidades blindadas tiveram atuação marcante, com o devido apoio do setor aéreo.

Como conclusão, podemos dizer que uma doutrina baseada apenas em concepções defensivas, que não considere a contra-ofensiva como passo para obter a vitória final é claudicante e pode trazer sérios reflexos para as Forças Armadas.

A preponderância da defensiva ou da ofensiva, face aos incrementos proporcionados pela tecnologia deve ser olhada com ressalvas, já que não houve mudanças na natureza das forças e dos meios necessários para se obter a vitória e sim, mudou-se o modo de empregá-los.

"A defensiva e a ofensiva são inseparáveis no plano tático, por isso é necessário se dispor de um instrumento que esteja em condições de empreender indiferentemente uma ou outra forma de operações, alterando-as segundo as possibilidades oferecidas pelas circunstâncias ou impostas pela situação".

Entretanto, somente a OFENSIVA poderá conduzir ao sucesso final no campo da luta, já que a mesma assegura a INICIATIVA e leva o combate ao terreno inimigo, objetivando destruir sua capacidade de resistência e possibilitando a um Cmt impor sua vontade sobre o adversário.

... "Na guerra, a única defesa é a ofensiva e a eficácia da ofensiva depende daqueles que a conduzem". (Gen PATTON).

BIBLIOGRAFIA

1. "Considerações sobre a Ofensiva" — Maj G. Carlo Agnani do Exército Italiano — Revista Militar Brasileira, Ed Jan-Abr/79
2. "A Atual Doutrina Tática Soviética: Um Reflexo do Passado" — Maj Joseph C. Arnold, Exército dos EUA — Military Review, Jul 77

3. "A Necessidade de Operações Ofensivas Terrestres" – Maj R. S. Evans, Exército Britânico – Military Review, Jul 77
4. "As Armas Dirigidas Com Precisão Mudam a Forma de Combate" – Ferdinand Otto Nische – A Defesa Nacional, Mai-Jun/78
5. Col 111-1 – ESTRATÉGIA – ECEME/77
6. IP 100-5 – OPERAÇÕES – 1975